



Editorial Dossiê *Design como produção social* *Editorial Dossier Design as a Social Production*

Joana Martins Contino¹ , Fabiana Oliveira Heinrich² 

Ao partirmos do entendimento do Design como produção social, postulamos criticamente que investigações sobre o que o campo produz devem ocorrer baseadas na sua relação dialética com a sociedade. Isto é, que o campo do Design é definido por valores sociais de determinado tempo e espaço históricos — contemporaneamente, o capitalismo tardio — e que também os define. Essa noção crítica, cunhada por Alberto Cipiniuk (2014) em livro intitulado *Design — o livro dos porquês: o Campo do Design compreendido como produção social*, pressupõe, portanto, que o meio social interfere na produção, circulação e legitimação de bens produzidos pelo campo do Design, o que ajuda a desvelar o *modus operandi* das práticas e crenças que o sustentam. Com efeito, a noção de Design como produção social entende que uma análise interpretativa da realidade deve estar baseada não na parte, mas sim no todo, ou seja, no meio social a que o campo pertence, nos movimentos ideológicos coletivos que o precedem, que o formam e que lutam politicamente entre si em busca de legitimação.

Assim, este dossiê tem como propósito incentivar a reflexão crítica sobre os diversos aspectos das instâncias de produção, circulação e legitimação do campo do Design como produção social e sua inserção na economia criativa. Nos dez artigos selecionados para o número 26 da *Revista Diálogo* com a economia criativa, emergiram diversos temas e abordagens relacionados a essa forma de enxergar e trabalhar com o que o campo produz, como identidade, território, moda, artesanato, história, cultura visual, tecnologia e inovação social.

O artigo “Estéticas capilares negras do Rio de Janeiro: por uma abordagem política das estéticas corporais periféricas”, de autoria de Cristiany dos Santos, Daniela Novelli, Lucas da Rosa e Icléia Silveira, tem como objetivo identificar a construção política em torno das estéticas capilares do loiro pivete e do reflexo alinhado enquanto tendências de estilo masculina com base nas visualidades negras contemporâneas das periferias do Rio de Janeiro. O trabalho destaca a relevância simbólica e sociocultural dessas visualidades no processo histórico contemporâneo de legitimação das comunidades cariocas pelo viés da Moda.

O segundo artigo desta edição também aborda a relação entre Design de Moda e identidade. “O Design Thinking como ferramenta para interpretar o imaginário da identidade estética da moda gaúcha”, escrito por Milena Cherutti e Cristiano Max Pereira Pinheiro, propõe a realização de um estudo acerca do imaginário da identidade estética gaúcha urbana e contemporânea, sob a perspectiva da indústria criativa, com base na proposta de um *workshop* de cocriação abalizado nos processos de Design Thinking.

¹Escola Superior de Propaganda e Marketing – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: joana.contino@espm.br

²Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: fabianaheinrich@eba.ufrj.br

Recebido em: 02/08/2024 – Aceito em: 02/08/2024

Ainda tratando de identidade e território, o trabalho “Distrito Criativo em Lã: relato de experiência aproximando Design e artesanato” enfatiza a importância de iniciativas que promovam a interação e ambientes de cocriação entre diferentes atores da economia criativa, especialmente designers e artesãos. Os autores Carolina Iuva de Mello, Ana Gabriela de Freitas Saccol, Danielle Neugebauer Willie, Paola Cargnelutti Bariquelo e Stephanie Nunes Goulart reconhecem a criatividade como fator estratégico para o desenvolvimento dos territórios e compreendem que o Design e o artesanato desempenham um papel de destaque na consolidação e dinamização dos Distritos Criativos.

Já Miguel de Araujo Lopes, Claudia Mourthé e Raquel Ponte, autores de “Gostos e valores no artesanato: relações imbricadas”, apresentam o artesanato como um campo complexo e norteador por variáveis igualmente complexas. O seu trabalho objetiva compreender os vínculos existentes entre gosto, valor e suas relações com o artesanato produzido em cerâmica no norte do estado do Rio de Janeiro, mais especificamente na cidade de Campos dos Goytacazes, identificando as percepções latentes acerca do consumo desse produto por parte da população local.

Em “Histórias sobre Design, Fotografia e Arte na cultura visual contemporânea”, de Rafael Frota e Jofre Silva, são investigadas as relações técnicas, estéticas e históricas entre o Design, a Fotografia e as Artes Visuais. Os autores propõem a compreensão dessas disciplinas não como campos autônomos do conhecimento, mas sim como expressões intrinsecamente conectadas, cujas influências mútuas contribuem para a compreensão de elementos da cultura visual. O texto destaca como a dinâmica entre os saberes, os poderes e os processos de subjetivação permeia a criação imagética e fomenta movimentos de resistência.

No artigo “A construção de um *ethos* moderno no Rio de Janeiro: revistas ilustradas e objetos publicizados”, Melba Santos Porter de Souza e Tatiana Siciliano analisam objetos e aparatos tecnológicos publicizados em propagandas da *Kósmos*, revista ilustrada e importante suporte documental dos primeiros anos do século XX. O trabalho busca alcançar entendimento sobre como a sociedade carioca assimilou a modernização da capital federal, que efeitos produziu a interação com carros, com bondes elétricos, máquinas pesadas e outros modernismos que iam além dos de ordem urbana, representados na imprensa da época.

Abordando a tecnologia no contexto contemporâneo, no artigo “Antagonismos no discurso sobre o Design da experiência do usuário em empresas plataforma”, Ana Carolina Ribeiro Ferreira da Costa e Leandro Velloso investigam a complexa atuação dos designers no desenvolvimento de interfaces digitais em empresas de plataformas, considerando as influências do capitalismo tardio na lógica organizacional dessas empresas e analisando os discursos associados à prática do UX Design no contexto do trabalho precarizado atualmente.

Já Mário Fontanive, em seu ensaio “Confinamento digital: sobre a opressão oculta nas interfaces digitais”, propõe que os sofisticados dispositivos tecnológicos digitais contemporâneos incorporaram estruturas alienantes advindas de antigas formas de submissão do trabalhador, traçando um caminho que vai da escravidão,

passa pela Revolução Industrial e chega até o trabalho de Design com as tecnologias atuais. O autor relaciona tal configuração com a falsa noção de “resolução de necessidades” e finaliza discorrendo sobre como uma nova forma de atenção para com populações marginalizadas pode incitar práticas emancipadoras.

O estudo “As Casas Comunais do Alto-Javari: uma contribuição de IA por meio de Stable Diffusion para a preservação do patrimônio cultural brasileiro”, de Silvio Lasmar Santos, Marcos Paulo Cereto e Lúcio Tiago Maurilo Torres, explora a aplicação de Inteligência Artificial (IA) generativa na reimaginação e preservação digital de casas comunais indígenas do Noroeste Amazônico.

E, finalmente, o artigo “Impressão 3D para Inovação Social: análise de estudos de caso sob a ótica do Design para a definição de diretrizes”, de autoria de José Victor dos Santos Araújo e Pablo Marcel de Arruda Torres, estabelece a relação entre Manufatura Aditiva (AM) e Inovação Social, sob a perspectiva do Design, e objetiva propor diretrizes para inserir a impressão 3D em projetos/negócios socialmente benéficos, especialmente em comunidades interioranas.

Convidamos as leitoras e leitores ao exercício crítico de entendimento do campo do Design como produção social por meio da leitura dos textos aqui presentes e esperamos que a ressonância dessa leitura reverbere em novas formas de produção, circulação e legitimação no campo.

Boa leitura!

REFERÊNCIA

CIPINIUK, Alberto. *Design: o livro dos porquês: o campo do design compreendido como produção social*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

Sobre os autores

Joana Martins Contino: Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação Estratégica e Inovação (PPGECEI) na ESPM Rio.

Fabiana Oliveira Heinrich: Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com doutorado sanduíche na Brown University e na Rhode Island School of Design. Professora, pesquisadora e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ) e professora do curso de Comunicação Visual Design também da EBA-UFRJ. Coordenadora do Laboratório de Produções Críticas em Design.

